
Da criação de um lugar

Nisia Floresta: a primeira feminista do Brasil.

LIMA DUARTE, Constância (Org.).

Florianópolis: Mulheres, 2005. 143 p.

Dionísia Gonçalves Pinto. Nome de batismo da mulher pública Nísia Floresta Brasileira Augusta. Mulher pública no sentido em que Nísia se coloca. Até muito pouco tempo, o termo era sinônimo de mulher da vida, de prostituta. O lugar da mulher de 'bem' era sem dúvida na esfera privada. Nísia chama a atenção para a importância, a necessidade, a indispensabilidade da mulher no campo que lhe foi poupado até então.

Nasceu em 1810 no interior do Rio Grande do Norte. Viveu do norte ao sul do país. A partir de 1849 passou a transitar também pela Europa, principalmente por Paris. Casou-se a primeira vez aos treze anos, mas se separou logo. Por volta de 1828, uniu-se a Manuel Augusto de Faria Rocha,

com quem teve três filhos, dos quais um morreu prematuramente. Manuel Augusto morreu logo após o nascimento do terceiro filho. O nome Augusta, que adotara em seu pseudônimo, é uma homenagem ao seu companheiro. Teve uma longa vida e morreu, em 1885, de pneumonia. Longa também é a lista de suas publicações.

Esse livro organizado por Constância Lima Duarte, professora de Literatura Brasileira na UFMG e responsável pela publicação de outras obras relacionadas a Nisia Floresta, é composto por excertos da obra dessa feminista. A publicação traz, além dos excertos, uma apresentação, uma cronologia da vida e obra de Nisia, e um levantamento bibliográfico.

A apresentação, escrita por Constância, apresenta muito bem e contextualiza a vida e obra dessa feminista com sua época. Os excertos são divididos a partir de suas publicações e pela ordem em que foram publicados inicialmente. Foram três as obras escolhidas: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, *Opúsculo humanitário* e *Cintilações de uma alma brasileira*. Essa última, publicada originalmente em italiano em 1859, só foi traduzida e publicada em português em 1997.

O livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens* foi escrito a partir de uma *antropofagia libertária*, segundo Constância Duarte. É a primeira obra de que se tem notícias no Brasil de problematizar o espaço da mulher e os direitos que lhe interessam. Em uma tradução livre do livro *Vindications of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, Nisia inspirou-se também na leitura de outros autores como Poulain de La Barre, Sophie e Olympe de Gouges. Antecipou a lógica antropofágica de Oswald de Andrade: deglutiui o pensamento europeu e o re-inventou no contexto brasileiro.

Nisia Floresta acreditava que as necessidades da mulher no Brasil ainda estavam um pouco distantes do que propunham as feministas de além-mar, considerando que no Brasil as mulheres ainda eram, em sua grande maioria, analfabetas.

A educação apresentava um papel fundamental na obra de Nisia, que usava a lógica utilitarista para defender o seu ponto de vista: a posição que cada um deveria ocupar na sociedade, com relação ao seu prestígio e respeito, deveria ser medida de acordo com a sua utilidade na sociedade. Nesse sentido, segundo ela, a mulher seria o bem mais precioso, pois antes de tudo criava e educava aqueles que viriam a ser médicos, juizes, governantes, enfim, homens com importantes papéis para a sociedade.

Se a mulher possuía a capacidade para exercer um papel tão necessário e fundamental, era um erro tremendo afastá-la da vida pública, poupando-lhe a educação devida. Nisia não tinha a menor dúvida do quanto importante era a participação da mulher em espaços dominados exclusivamente pelos homens. Defendia que, “Em um Estado tranqüilo e bem regido, a maior parte dos homens são inúteis em seus ofícios, e inútil toda a sua autoridade, mas as mulheres não deixarão jamais de ser necessárias enquanto existirem homens e estes tiverem filhos” (p. 72).

Não questionava a ordem vigente, mas o lugar da mulher, sua posição, sua importância dentro dessa ordem. Acreditava que o papel da mulher deveria ser mais prestigiado, e não considerado baixo, desprezível, ou menos importante. Insistia em um melhor tratamento e melhores condições, pois só assim a mulher poderia atuar ainda melhor na sociedade.

Em um dado momento de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, pensando no lugar de merecimento da mulher e na importância que não lhe é atribuída, acaba por desmontar toda a lógica da sociedade que

defende. Sem querer, Nisia faz uma análise sucinta, porém completamente destrutiva, do lugar dos juizes, magistrados, oficiais, soldados e príncipes, não como fez anteriormente, colocando um Estado hipotético “tranqüilo e bem regido”, mas afirmando a inutilidade desses cargos para a vida de um homem (ou mulher). Se antes elogiara a função de governabilidade de príncipes e ministros, marca que, se esses “se sacrificam algumas vezes pelo bem público, a ambição é o único móvel, é para adquirir poder, riquezas e esplendor, que eles o fazem” (p. 73).

No entanto, logo volta atrás em suas críticas: “[...] fiquem as coisas no seu mesmo estado: eu pretendo somente fazer ver que o meu sexo não é tão desprezível como os homens querem fazer crer” (p. 81). Afinal, não está interessada em uma mudança radical, e também o deixa claro quando elogia o papel da mulher como domesticadora dos homens, falando de como esta se presta tão bem à função de amansar as crianças, para que estas possam servir adequadamente à sociedade.

Quando publica o *Opúsculo humanitário*, em 1853, Nisia Floresta já havia percorrido grande parte da Europa. Talvez por isso essa obra pareça contextualizar mais internacionalmente a história e o movimento das mulheres, a partir de onde coloca de modo mais enfático a necessidade de se pensar a questão das mulheres no Brasil de uma nova forma. Como já havia mencionado em obras anteriores, enquanto se falava em diversos direitos das mulheres na Europa, aqui a preocupação era ainda com a educação mais elementar.

Além de ter escrito diversos livros e artigos sobre a temática da mulher, Nisia era também poetisa e romancista. Em *Cintilações de uma alma brasileira*, Nisia adota na introdução de seu texto intitulado “A Mulher” uma linguagem mais literária. Como aponta Constância, “O texto apresenta três momentos bem definidos. Inicia como se fosse uma ficção; transmuda-se em autêntica crônica com anotações sobre o comportamento humano; e termina emitindo reflexões de cunho filosófico com nítido propósito didático” (p. 35).

Nessa obra, Nisia sai um pouco do contexto brasileiro para fazer uma crítica às práticas das mulheres francesas, principalmente as burguesas. Em nome de certos valores, que consideravam degradantes as relações entre mães e filhos, legitimavam um descuido total com as crianças francesas, que eram mandadas para amas no campo e esquecidas. As que sobreviviam voltavam para casa, para então receber a

educação adequada. Essa situação acaba abrindo para a problematização da noção de natureza materna.

Apesar de defender em quase toda sua obra a superioridade das mulheres com relação aos homens, chama a atenção para a horizontalidade, quando aponta para o companheirismo que deve existir entre os dois:

Se a maior parte dos homens não procurasse na santa união do matrimônio um comércio que os avilta, ou um meio para ter uma legítima prole; se uma mulher não procurasse aí muitas vezes senão uma condição no mundo, ou uma mal interpretada liberdade que a libere de certos preconceitos; se um e outra, antes de se ligarem para sempre houvessem por bem entenderem-se entre eles, se estudar, se conhecer e se amar, a doce união do matrimônio, tão caluniada, tão profanada e tantas vezes fracassada, seria enfim o *non plus ultra* da humana felicidade (p. 132).

Mesmo em defesa da mulher, não é difícil perceber que o pensamento de Nísia ainda está muito permeado pelo pensamento de sua época, sendo possível notar um tom conservador em seus discursos. Na verdade, ele é inovador no que se refere às práticas nacionais e, sem dúvida, o pensamento de Nísia estava muito à frente da grande maioria dos pensadores brasileiros de sua época. Talvez o fato de ter vivido em muitos lugares tenha contribuído para uma maior flexibilidade de suas idéias. Porém, defende também que a mulher deve ter melhores condições para melhor servir no seu papel de mãe e esposa dedicada.

Na obra de Nísia, também chama a atenção o fato de ela ser talvez a primeira mulher a adotar um sentido de gênero para o sexo feminino. Essa percepção é muito sensata, ainda mais se pensarmos que o gênero é uma categoria de classificação positivista, e nada mais de acordo nesse sentido, pois Nísia defendia noções

positivistas de ordem e progresso sob um ponto de vista mais liberal. Não parece totalmente fora de contexto lembrar que, após ter cursado aulas do positivista Augusto Comte, trocou uma série de cartas com ele. Afinal, os dois não estavam tão apartados em suas linhas de pensamento.

Porém, volto a pensar na maneira como Nísia se coloca perante a vida, na relação que parece ter tido com o segundo marido e com os seus filhos, no fato de sua filha ter se tornado sua companheira nas viagens e traduzido diversas de suas obras, ao invés de ter adotado os caminhos que lhe seriam esperados.

Na forma como Nísia escreve não transparece nenhum rancor com relação às suas experiências. Parece-me que suas práticas e experimentações de vida, ainda mais em tal época, tiveram uma contribuição muito mais interessante do que os seus discursos propriamente ditos. Constância Duarte recorre a Gilberto Freyre quando este percebe que

Nísia Floresta surgiu – repita-se, como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio de homens a dominarem sozinhos todas as atividades extra-domésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo ler e escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram histórias do Troncoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nísia (Epígrafe, p. 13).

É dessa forma que se abre a apresentação do livro. A partir dessas palavras, não é difícil compreender a obra mais fundamental de Nísia. A obra que inscreveu nos corpos daqueles com que se relacionara, que estava além de seus discursos. Muito mais simples em sua forma. Sem a profundidade de seus textos, mas com a intensidade de sua vida.

Eliane Knorr ■

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo